



## ABORDAGENS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: DESAFIOS E CAMINHOS PARA A ENFERMAGEM

### GENDER AND SEXUALITY APPROACHES IN PROFESSIONAL FORMATION: CHALLENGES AND PATHS FOR NURSING

Cássio Henrique Alves de Oliveira<sup>1</sup>

Maria Eliane Liégio Matão<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Mestre, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia (Goiás), cassioolive@live.com

<sup>2</sup> Doutora, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia (Goiás), liegio@ih.com.br

#### RESUMO

**Introdução:** Este estudo explora as abordagens sobre gênero e sexualidade na formação profissional em enfermagem, destacando desafios e lacunas no currículo. Problematisa a falta de preparo teórico e prático nos temas, mesmo com avanços sociais e científicos. **Objetivo:** Analisar como gênero e sexualidade são abordados na graduação em enfermagem e seu impacto no desenvolvimento pessoal e profissional dos discentes. **Metodologia:** Pesquisa exploratória e qualitativa realizada junto a discentes do primeiro e nono ciclos do curso de Enfermagem da PUC Goiás, utilizando como referencial a Teoria das Representações Sociais e a Teoria do Núcleo Central. Os dados foram coletados por questionários e analisados pelo software EVOC, que organiza as representações sociais com base na frequência e ordem de evocação dos termos. **Resultados e Discussão:** A maioria dos participantes declarou não ter estudado os temas durante a graduação ou ter tido pouco contato com eles. Identificou-se uma abordagem fragmentada e transversal, geralmente vinculada a disciplinas como psicologia e saúde da mulher. Aspectos facilitadores incluem mente aberta e respeito, enquanto fatores



dificultadores envolvem preconceitos e questões religiosas. As representações sociais evidenciam uma compreensão limitada dos conceitos de gênero e sexualidade, com confusão entre identidade de gênero, orientação sexual e sexo biológico. **Conclusão:** A pesquisa revela que o ensino de gênero e sexualidade é insatisfatório e carece de embasamento teórico adequado, refletindo lacunas nos currículos e práticas pedagógicas. Recomenda-se a inserção mais estruturada e teórica desses temas nas matrizes curriculares para promover uma formação integral e igualitária na enfermagem.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, Enfermagem, Educação, Representações Sociais

## ABSTRACT

**Introduction:** This study explores gender and sexuality approaches in professional nursing education, highlighting challenges and gaps in the curriculum. It questions the lack of theoretical and practical preparation despite social and scientific advances. **Objective:** Analyze how gender and sexuality are addressed in nursing education and their impact on students' personal and professional development. **Methodology:** Exploratory and qualitative research conducted with students from the first and ninth cycles of the Nursing program at PUC Goiás, using the Social Representations Theory and Central Nucleus Theory as references. Data was collected through questionnaires and analyzed with the EVOC software, which organizes social representations based on the frequency and order of term evocation. **Results and Discussion:** Most participants reported little or no contact with these topics during their education. The approach was found to be fragmented and transversal, typically linked to subjects such as psychology and women's health. Facilitating factors included open-mindedness and respect, while religious issues and prejudice were identified as barriers. Social representations revealed limited



understanding, with confusion between gender identity, sexual orientation, and biological sex. **Conclusion:** The study shows that the teaching of gender and sexuality is unsatisfactory and lacks proper theoretical foundation, reflecting gaps in curricula and pedagogical practices. A more structured inclusion of these topics in the curriculum is recommended to promote holistic and equitable education in nursing.

**Keywords:** Gender, Sexuality, Nursing, Education, Social Representations

## INTRODUÇÃO

Com a institucionalização do Sistema Único de Saúde passou-se à necessidade de mudanças no modelo de formação dos profissionais de saúde, onde a busca é pelo cuidado ao ser humano de forma holística e não somente à sua doença ou agravo. É fundamental que no processo ensino aprendizagem se introduzam conteúdos e metodologias que possibilitem a inserção de profissionais comprometidos com essa proposta do novo modelo de saúde. Nesse contexto tem destaque a graduação em enfermagem, mais especificamente nos temas gênero e sexualidade na promoção da integralidade e equidade. É preciso discutir a base e o processo formador nestes temas, onde o ambiente escolar, mais precisamente a graduação, podem abordar os mais variados conteúdos necessários para efetivação de um aprendizado ético, com devido respaldo teórico e comprometimento social e humano para com a promoção da saúde e os determinantes gênero e sexualidade.

Formar para um olhar holístico envolve a capacidade de levar discentes a repensar valores e atitudes, contribuindo para que em momentos futuros este discente enquanto profissional seja capaz de promover ou potencializar bem-estar ao indivíduo, família e comunidade. Sehnem (2013) reforça isto e diz ainda que, não discutir os temas e as dificuldades sentidas em nível de graduação não isentará o profissional de enfermagem de se deparar futuramente com a sua ocorrência



durante a vida profissional. Ao contrário, acaba agravando, tornando as situações e questões mais difíceis de serem resolvidas.

Costa e Coelho (2011), Morais *et al.* (2010) e Sehnem (2013) apresentam que a formação em Enfermagem possui lacunas curriculares no que diz respeito aos temas no âmbito da graduação. O que não contribui para uma assistência integral, mas sim fragmentada. Por uma construção histórica e social, os temas, mesmo com avanços científicos e sociais, ainda se apresentam na graduação impregnados de mitos, preconceitos e desconhecimentos, com contradições e tabus. São discussões ainda muito reprimidas, silenciadas, marginalizadas, tratadas de forma eventual, informal, sem base teórica, abordada sob um enfoque de neutralidade, proibições e assexualização.

Neste contexto, este estudo busca refletir sobre o processo ensino aprendizagem acerca dos temas gênero e sexualidade no âmbito da graduação em Enfermagem, bem como seu reflexo sobre o comportamento e enfrentamento pessoal.

## **CAMINHO METODOLÓGICO**

Trata-se de um estudo exploratório com abordagem qualitativa, realizado a partir de pesquisa de campo. Participaram acadêmicos do Curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a partir dos seguintes critérios de inclusão: I) matriculados no primeiro ou nono ciclos; II) acadêmicos do nono ciclo deveriam ter cursado o mínimo de 5 períodos na PUC Goiás. Como critérios de exclusão: I) matriculados em menos de 80% das disciplinas correspondentes ao ciclo; II) não ter cursado o mínimo de cinco ciclos na PUC Goiás antecedentes ao ciclo de aplicação da pesquisa; III) já possuir curso de nível superior, independente da instituição formadora.



A pesquisa foi realizada no âmbito do Curso de Enfermagem oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na cidade de Goiânia, área IV da instituição, especificamente junto aos acadêmicos do primeiro e nono ciclos.

Quanto a coleta de dados, foi realizada no primeiro semestre do ano 2017 e teve início após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Goiás. O parecer de aprovação foi emitido sob o Número 1.368.122.

Após contato com a coordenação do curso para identificação das salas e horários das atividades dos ciclos envolvidos e agendamento, em conjunto com os professores responsáveis, de primeira abordagem aos mesmos. Na data e horário agendados, a pesquisa foi apresentada verbalmente ao grupo e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue àqueles que demonstraram desejo por participar da pesquisa. Em seguida, o instrumento de pesquisa foi aplicado. Adotado questionário com perguntas fechadas e abertas, duas delas de evocação, buscando-se representações sociais, comportamentos, condutas e conhecimentos relacionados ao tema proposto. O questionário foi dividido em três momentos. Primeiro para caracterização dos participantes, segundo para o levantamento de como as temáticas gênero e sexualidade eram inseridas no curso de Enfermagem, na perspectiva do discente. Na terceira parte do instrumento buscou-se as evocações a partir dos indutores gênero e sexualidade.

A análise foi realizada a partir da transcrição de todos os registros obtidos, com posterior formatação. As questões fechadas, organizadas de acordo com as alternativas de resposta, em frequência absoluta e percentual. As abertas foram exaustivamente lidas o que permitiu a análise descritiva das mesmas. As questões de evocação com preparação do dicionário, banco de dados e posteriormente analisadas pelo software EVOC. Este organiza os termos produzidos em função da hierarquia subjacente à frequência e à ordem de evocação. O EVOC permite identificar os elementos pertencentes, ao provável núcleo central da representação, bem como os elementos periféricos, a partir de dois critérios: a frequência média de ocorrência das palavras e o grau de importância atribuído a elas, por meio do lugar



ocupado na ordem de evocação (Sá, 2002). Os resultados são apresentados em quadro de quatro casas.

Na etapa de análise dos elementos de evocação pelo software EVOG, foi executado em um primeiro momento o banco de dados do primeiro e nono ciclos separadamente. Posteriormente, executado os ciclos juntos, e com isto identificado que não havia diferença dos produtos obtidos. Sendo assim, optou-se por apresentar os resultados dos dois ciclos juntos. A análise foi realizada a partir do referencial teórico metodológico da Teoria das Representações Sociais, com destaque para a Teoria do Núcleo Central.

## **TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Na impossibilidade de compreender um indivíduo sem considerá-lo como parte de uma sociedade cultural, econômica, política e historicamente situada Moscovici (1978) destaca a relação sujeito e objeto. O processo de construção das Representações Sociais se baseia nas premissas de que: I) não existe um corte entre o universo exterior e interior do sujeito e que este, em sua atividade representativa, reproduz ativamente um objeto de acordo com a imagem que tem construída do mesmo, situada em seu universo social e material. II) A representação é uma orientação e preparação para a ação, guia os comportamentos e práticas. A representação funciona como uma antecipação e justificação das ações.

A representação social – RS, segundo Abric (1994) é o produto, e ao mesmo tempo, o processo de uma atividade mental pela qual um determinado indivíduo ou grupo reconstitui o real, atribuindo uma significação a algo. Em termos de produto, a representação volta-se para o conteúdo das representações, para o conhecimento do senso comum, que permite aos sujeitos interpretarem o mundo e orientarem a comunicação entre eles, na medida em que ao entrar em contato com um determinado objeto, o representam e, em certo sentido, criam uma teoria que vai orientar suas ações e comportamentos. Abordada em termos de processo, consiste



em saber como se constroem as representações, como se dá à incorporação do novo, do não familiar, aos universos consensuais.

Abric (1994) apresenta que a representação consiste em um sistema contextualizado de significação, onde tal representação é determinada pelo contexto, seja discursivo ou social. A significação de uma RS deve ser observada pela natureza das condições do discurso, pelo contexto ideológico e pelo lugar que ocupa o indivíduo ou grupo no sistema social a partir do qual foi produzida tal representação.

Para Moscovici (1978) e Jodelet (2001) a construção das RS envolve dois processos formadores: a objetivação e a ancoragem. Sá (2002) diz que estes processos são responsáveis pelo enraizamento social da representação e de seu objeto. A objetivação de um conceito ou objeto pelo sujeito depende basicamente dos condicionantes culturais (acesso diferenciado às informações em função da inserção social dos sujeitos) e dos aspectos valorativos do grupo (sistema de valores do grupo). A ancoragem envolve a integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente, ou seja, sua inserção orgânica em um repertório de crenças já constituído.

A teoria das representações sociais – TRS se configura conforme Sá (2002) como uma proposta científica de leitura do conhecimento de senso comum. De entendimento que o sujeito irá representar o objeto de acordo com a construção e conhecimento que tem acerca deste, a partir dos processos objetivação e ancoragem. O senso comum é um conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, inserido em um contexto e realidade comum a um conjunto social. Na nossa sociedade, como uma versão contemporânea, o senso comum pode ainda ser visto como uma equivalência aos mitos e sistemas de crenças da sociedade tradicionais.

Para Moscovici (1978) a RS é uma construção que o sujeito faz para entender o mundo, se comunicar e se justificar. A RS sempre será a representação de alguma coisa (objeto) por alguém (sujeito), onde o objeto tem uma relação de simbolização,



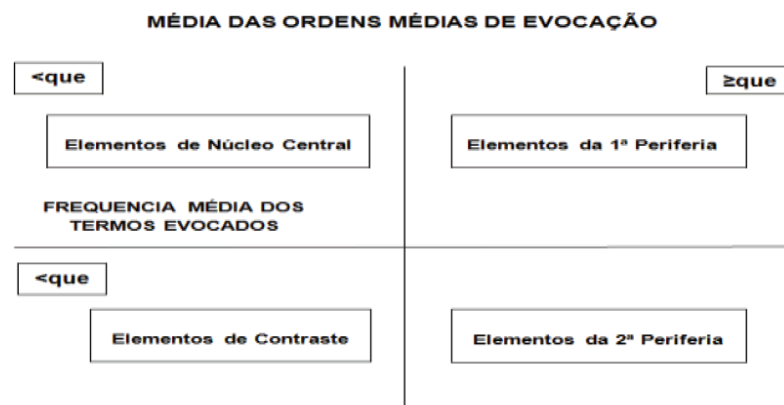
conferindo-lhe significações. As RS permitem que os sujeitos transformem uma realidade estranha, desconhecida em uma realidade familiar.

A tensão entre o familiar e o não-familiar é sempre estabelecida em nossos universos consensuais, em favor do primeiro. No entanto, o que nos é incomum, não familiar é assimilado e pode modificar nossas crenças. Esse é o processo de re-apresentar o novo (Moscovici, 2004).

### Teoria do Núcleo Central

Proposta por Abric (1994), esta teoria proporciona um corpo que contribua para que a TRS se torne evidente na prática. A partir do quadro de quatro casas, figura 1, cria-se a interpretação apresentada por Oliveira (2005).

**Figura 1:** Modelo de Análise das Evocações segundo Abric (1994)



No quadrante superior esquerdo (QSE), ficam situados os elementos mais significativos para os sujeitos e que constituem, provavelmente, o núcleo central da representação estudada. Neste, as evocações mais frequentes e que aparecem, em média, nas primeiras posições (menor rang). Na primeira periferia, quadrante superior direito (QSD) se localiza os elementos mais importantes da periferia (aqueles com maior frequência e rang). No quadrante inferior esquerdo (QIE) encontram-se os elementos que foram citados com uma frequência baixa, porém



evocados primeiramente e considerados elementos de contraste. No quadrante inferior direito (QID) estão os elementos localizados na segunda periferia, ou quarto quadrante, aparecem os elementos típicos de periferia, ou de baixa frequência e sempre evocados nas últimas posições, assim possuem maior rang (Oliveira, 2005).

## RESULTADOS

Participaram um total de 79 discentes do Curso de Enfermagem, 49 do primeiro ciclo (44 mulheres e 5 homens) e 30 do nono ciclo (19 mulheres, 6 homens e 5 não declarados). As seguintes tabelas 1 e 2 apresentam o perfil sócio demográfico dos participantes da pesquisa.

**Tabela 1:** Distribuição das características dos(as) acadêmicos(as) do 1ºCiclo em relação a faixa etária, estado civil, raça e religião.

VARIÁVEIS	Frequência		VARIÁVEIS	Frequência	
	N	%		N	%
<b>Faixa etária</b>			<b>Raça Declarada</b>		
>=20 anos	43	88	Pardo(a)	29	60
<=21 a >=30 anos	3	6	Negro(a)	9	18
<=31 anos	3	6	Branco(a)	8	16
<b>Estado Civil</b>			Asiática	2	4
Solteiro(a)	45	92	Não declarado	1	2
Casado(a)	1	2	<b>Religião</b>		
Divorciado(a)	1	2	Católico(a)	23	47
União estável	2	4	Evangélico(a)/protestante	20	41
			Espírita	1	2
			Testemunha de jeová	1	2
			Não possui	1	2
			Não declarado	3	6

No primeiro Ciclo a maioria é mulher, com até 20 anos de idade, solteira, parda, com predominâncias das religiões católica e protestante.

**Tabela 2:** Distribuição das características dos(as) acadêmicos(as) do 9ºCiclo em relação a faixa etária, estado civil, raça e religião.

VARIÁVEIS	Frequência	VARIÁVEIS	Frequência
-----------	------------	-----------	------------



	N	%		N	%
<b>Faixa etária</b>			<b>Religião</b>		
>=24 anos	23	78	Católico(a)	9	31
<=25 a >=35 anos	5	16	Evangélico(a) ou protestante	7	24
não declarado	2	6	Espírita	2	6
<b>Estado Civil</b>			Testemunha de jeová	1	3
Solteiro(a)	25	84	Adventista	1	3
Casado(a)	3	10	Muçulmana	1	3
Não declarado	2	6	Não declarado	9	30
<b>Raça Declarada</b>					
Pardo(a)	10	34			
Negro(a)	4	13			
Asiática	1	3			
Não declarado	15	50			

O nono Ciclo se caracteriza pela maioria mulher, com até 24 anos de idade, solteira, parda, também com predominância das religiões católica e protestante.

Buscou-se identificar pela perspectiva do discente se os temas foram estudados durante a graduação, tabela 3, em quais disciplinas foram inseridos e quais os aspectos facilitadores e dificultadores percebidos.

**Tabela 3:** Distribuição das respostas do 1º e 9º Ciclos sobre sua perspectiva de ter estudado sobre os temas gênero e sexualidade durante graduação.

		Estudou sobre																	
		Gênero					Sexualidade												
		Não sei dizer		Não		Sim		Não sei dizer		Não		SIM							
				1 vez		entre 2 a 5 vezes						1 vez		entre 2 a 5 vezes		mais que 6 vezes			
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<b>1º</b>	<b>Ciclo</b>	3	7	35	78	3	7	4	8	0	0	27	80	2	5	5	15	0	0
<b>9º</b>	<b>Ciclo</b>	6	21	14	50	1	3	7	26	3	11	13	48	0	0	8	30	3	11

A maioria declara não ter estudado sobre gênero na graduação e os que declaram que sim, a margem maioritária é de entre 2 a 5 vezes que o tema foi abordado durante a graduação.



A maioria declara não ter estudado sobre sexualidade na graduação e os que declaram que sim, a margem majoritária é de entre 2 a 5 vezes que o tema foi abordado durante a graduação.

Para as disciplinas que abordam o tema gênero, o 1º Ciclo indicou: filosofia, sociologia, teologia e psicologia, sendo o tema abordado em forma de aula teórica dialogada. O 9º Ciclo indicou: psicologia, sociologia, saúde da mulher, saúde da criança e do adolescente, saúde do idoso, saúde coletiva, bioestatística e anatomia, sendo o tema abordado em forma de aula teórica dialogada, discussão em sala a partir de caso clínico, em campo de estágio, esporadicamente durante aula de outra temática.

Para as disciplinas que abordam o tema sexualidade, o 1º Ciclo indicou: filosofia, teologia, fisiologia e anatomia, sendo o tema abordado em forma de aula teórica dialogada ou conversa informal para exemplificação. O 9º Ciclo indicou: saúde da mulher, saúde da criança e do adolescente, psicologia, saúde do homem e do adulto, saúde do idoso, ética, sociologia, saúde mental, anatomia e sistemas reprodutores, saúde coletiva e processos infecciosos, sendo o tema abordado durante apresentação de outras temáticas, discussão em sala a partir de caso clínico, discutido em campo de estágio, em forma de aula teórica dialogada ou expositiva.

Os aspectos facilitadores apontados pelo 1º Ciclo, percebidos ao abordar gênero, são: a personalidade de cada indivíduo, quando há busca de igualdade e respeito, quando se observa em questões da natureza em aspectos naturais entre a divisão de gênero homem e mulher e a visão ampla de gênero considerando vários fatos. Os apontados pelo 9º Ciclo são: situações vividas no cotidiano e as características das pessoas, quando se tem mente aberta, abertura do diálogo, necessidade de aprender e discutir o assunto, quando há respeito e aceitação, o tema ser curioso para discentes e docentes, ser amplo, relevante e hoje ter a facilidade do acesso à informação.



Os aspectos dificultadores apontados pelo 1º Ciclo, percebidos ao abordar gênero, são: a pouca inclusão do tema para discussão, má preparação para falar do tema, o preconceito, a abordagem, falar de algo social. O 9º Ciclo aponta que: fala-se muito pouco sobre o assunto mesmo sendo de relevância social, há dificuldade por parte de quem aborda o tema, tema de difícil abordagem e pouco abordado, pouca familiaridade com o tema, o que a turma pensa sobre o assunto, as questões religiosas, pelo normal ser definido pela sociedade, opiniões diversas, por ter muitas coisas sobre o tema e quando pedido não saber o que se pede, opiniões formadas e a recepção para com o tema.

Os aspectos facilitadores apontados pelo 1º Ciclo, percebidos ao abordar sexualidade, são: quando há mente aberta, entender e compreender a opção sexual das pessoas, quando há aceitação e respeito, conhecimento sobre o assunto, as diferenças de gênero e a orientação sexual. O 9º Ciclo indicou: a convivência dos diferentes sexos, respeito e amizade no âmbito da academia, o assunto ser de demanda diária dentro dos hospitais.

Os aspectos dificultadores apontados pelo 1º Ciclo, percebidos ao abordar sexualidade, são: pessoas preconceituosas, dificuldade de pessoas em aceitar a opção do outro, rejeições e desigualdades sexuais e fazer com que a sociedade compreenda. O 9º Ciclo aponta: o tema ser complexo de se discutir, dificuldade de analisar no âmbito de toda a turma, o que a turma pensa sobre o assunto, as questões religiosas, os preconceitos que se tem ao falar sobre o assunto, a religião, a timidez, preconceito com o termo, ser pouco discutido, limitado a um gênero, descontinuidade do tema, tema ser de difícil abordagem, há pessoas que não se sentem bem diante do assunto sexualidade, a quantidade de aulas, as IST's – Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Por fim a percepção dos discentes quanto o seu embasamento nos temas, apresenta-se na tabela 4.



**Tabela 4:** Distribuição acerca da percepção do 1° e 9° Ciclos acerca de seu embasamento nos temas.

TEMAS: Gênero e Sexualidade	Acadêmicos			
	1° Ciclo		9° Ciclo	
	N	%	N	%
insuficiente	12	42	12	43
suficiente	9	31	3	11
regular	3	10	5	18
bom	2	7	7	25
ótimo	3	10	1	3

A maioria no 1° Ciclo se declara com embasamento insuficiente, seguido de suficiente, regular e bom. A maioria no 9° Ciclo se declara com embasamento insuficiente, seguido de bom, regular e suficiente.

Perguntou-se quais as palavras ou expressões que primeiro vinham à mente ao escutar as palavras gênero e sexualidade, termos indutores. Tanto em primeira pessoa quanto em terceira, buscando-se a zona muda. A partir disto, foi construído um dicionário com aproximação dos termos que expressassem o mesmo sentido, resultando em palavras que fazem referência à todas as outras evocadas com o mesmo sentido. Estas, apresentadas nos quadros a seguir, de 1 à 4.

Para se alcançar a zona muda (elementos ocultos por possível caráter contra normativo) faz-se necessário reduzir a pressão normativa que se exerce sobre o participante. A estratégia adotada foi apresentar os termos indutores em terceira pessoa, para que possíveis elementos apareçam, inclusive no núcleo central.

**Quadro 1:** Elementos da representação social de "Gênero" em primeira pessoa no 1° e 9° Ciclos



		Rang <2,2 <b>Elementos Centrais</b>		Rang >= 2,2 <b>Elementos 1ª Periferia</b>		
Freq			5		1	
	feminino-masculino	5	1,745	escolha	4 2,429	
		3			1	
	>=	homem-mulher	9	1,846	identidade	9 2,316
11		1			2	
	português	2	2,083	orientação-sexual	7 2,407	
		2				
	sexualidade	6	2,038			
		<b>Elementos de contraste</b>		<b>Elementos 2ª Periferia</b>		
2			1			
<=						
Freq			0	2	conflito	2 3,5
	<	desigualdade			igualdade	2 2,5
10			7	2,143		

Número total de palavras diferentes: 214

Número total de evocações: 12

Média Geral dos *Rangs*= 2.06

Média de resposta por sujeito= 2,708

N= 79

As justificativas para os elementos do quadrante superior esquerdo, aos quais fazem referência estão na tabela 5.

**Tabela 5:** Justificativas para as evocações emitidas ao signo Gênero, presentes no quadrante superior esquerdo do quadro de quatro casas.



Evocação	Justificativas	
feminino-masculino	<ul style="list-style-type: none"> <li>- definido pela genética;</li> <li>- os dois sexos são diferentes;</li> <li>- aquilo que qualifica o corpo;</li> <li>- os termos que nos são ensinados;</li> <li>- feminino muito presente a estética e vaidade;</li> <li>- sociológico, papel social exercido;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o gênero que o indivíduo nasceu;</li> <li>- divisão social e natural;</li> <li>- identifica a sua sexualidade;</li> <li>- sexo forte e sexo frágil;</li> <li>- é de acordo com sua genitália, que se nasce;</li> <li>- gêneros sexuais;</li> </ul>
homem-mulher	<ul style="list-style-type: none"> <li>- características biológica de um ser;</li> <li>- sexo forte e frágil;</li> <li>- são temas que não são ministrados;</li> <li>- direito de ser o que quiser ;</li> <li>- questão social e natural ;</li> <li>- titular a diferença biológica e social;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- qualifica a sexualidade;</li> <li>- formação corporal, relação a anatomia;</li> <li>- diferença nas opiniões entre os sexos;</li> <li>- envolve a personalidade e atitudes;</li> <li>- tipo de divisão, diferença entre sexos;</li> </ul>
português	<ul style="list-style-type: none"> <li>- porque as palavras se parecem;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- se usa para indicar o gênero textual;</li> </ul>
sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- a opção que a pessoa escolheu para sua vida e se relacionar;</li> <li>- polêmica da homossexualidade;</li> <li>- diversidade</li> <li>- genético; nasce assim;</li> <li>- características desde quando criança</li> <li>- qual pessoa te atrai</li> <li>- ainda hoje feminino ser considerado menos que o homem;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- tem a sua ação na sociedade tanto como opção de vida;</li> <li>- opção sexual;</li> <li>- cada pessoa nasce com suas diferenças</li> <li>- formas de expressão</li> <li>- manifesto do gosto do indivíduo; fisiológicos;</li> <li>- liberdade de escolha</li> </ul>

O próximo quadro são os elementos em terceira pessoa para Gênero, onde se busca a zona muda e elementos que aparecem quando reduzida a pressão normativa.

**Quadro 2:** Elementos da representação social de "Gênero" em terceira pessoa no 1º e 9º ciclos

Rang <2	Rang >= 2
---------	-----------



	Elementos Centrais		Elementos 1ª Periferia			
Fre		1		1		
q	conflito	5	1,933	desigualdade	7	2,059
		1			1	
>=	homem-mulher	3	1,692	feminino-masculino	7	2,176
		1			1	
10	postura	7	1,824	identidade	2	2,33
		2				
	sexualidade	1	1,905			
5	<b>Elementos de contraste</b>					
<=	escolha	9	1,889			
Fre						
q	igualdade	8	1,75			
<	orientação-sexual	6	1,667			
9	português	7	1,571			

Número total de palavras diferentes: 143

Número total de evocações: 12

N= 79

Média Geral dos *Rangs*= 1,93

Média de resposta por sujeito= 1,810

Os elementos que aparecem a mais no núcleo central são as evocações conflito e postura. Justificativas de postura: desenvolvimento no meio social, pensamento e expressão, modo de agir e sua ação perante a sociedade, se visualiza a olho nú o gênero da pessoa, beleza, normal, cada um tem a liberdade para escolher o que quer ser, escolha do indivíduo. Justificativas de conflito: tema polêmico, brigas e críticas por opiniões diferentes no tema, confusão por arrogância, nem todo mundo pensa e abrange esse assunto da mesma forma, dúvidas sobre este universo, conceitos e aspectos fisiológicos sobre o assunto, a sala não conversa sobre o assunto, dúvidas provenientes de falta de informação, incertezas que acarretam em informações errôneas e preconceitos infundados.

**Quadro 3:** Elementos da representação social de "Sexualidade" em primeira pessoa no 1º e 9º Ciclos

Rang <2	Rang >= 2
---------	-----------



		Elementos Centrais		Elementos 1ª Periferia		
Freq >= 10	escolha	25	1,96	Conflito	10 2,7	
	gênero	18	1,556	Desigualdade	13 2,154	
	orientação-sexual	33	1,727	Identidade	14 2,071	
	sexo	32	1,875	Postura	11 2,455	
				Relação	15 2,6	
				Elementos 2ª Periferia		
5 <= 9					Cautela	5 2,6
					Respeito	7 2,143

Número total de palavras diferentes: 190

Número total de evocações: 14

Média Geral dos *Rangs*= 2,04

Média de resposta por sujeito= 2,405

N= 79

A tabela 6 consta as justificativas para os elementos do quadrante superior esquerdo.

**Tabela 6:** Justificativas para as evocações escolha, gênero, orientação-sexual, sexo, presentes no quadrante superior esquerdo do quadro de quatro casas.

Evocação	Justificativa
escolha	<ul style="list-style-type: none"> <li>- opção sexual;</li> <li>- fazer o que quiser;</li> <li>- opções são dadas pela sociedade;</li> <li>- aquilo que o indivíduo escolhe durante seu ciclo de vida;</li> <li>- porque sempre ouço e utilizo sexualidade seguida de opção;</li> </ul>
gênero	<ul style="list-style-type: none"> <li>- decidir o que quer ser, liberdade, livre arbítrio;</li> <li>- escolhe sua sexualidade e orientação sexual;</li> <li>- escolhas para qual tipo seguir;</li> <li>- escolha com quem se relacionar;</li> </ul>
orientação-sexual	<ul style="list-style-type: none"> <li>- definido pelo sexo;</li> <li>- homem é masculino e mulher feminino;</li> <li>- homossexuais estão ocupando seu lugar na sociedade;</li> <li>- atitude e preferência por um sexo;</li> <li>- envolvimento, afeto, libido;</li> </ul>



	- pessoas que não segue padrão;	- héteros desajustados;
	- os que assume para sociedade sua escolha sexual;	- acham que gay e lesbica tem que ser aceito e comum e não é mais tradicional sem opções;
	- indica o que o outro é;	
sexo	- encontro de duas pessoas sexualmente;	- prazer;
	- puberdade; adolescência;	- apetite sexual;
	- praticar sexo, relação sexual;	- a sonoridade do corpo;
	- corpo oferece maior parte da sexualidade;	- desejo, interesse;
	- algo que hoje se tornou normal;	- controlar os desejos;
	- sexo lícito;	- como agrada a Deus;

O quadro a seguir levanta os elementos em terceira pessoa para sexualidade, elementos da zona muda. No núcleo central não surgiu novos elementos, porém reforçado a evocação anterior.

**Quadro 4:** Elementos da representação social de "Sexualidade" em terceira pessoa nos dois ciclos

		Rang <1,9 Elementos Centrais		Rang >= 1,9 Elementos 1ª Periferia		
Freq >=	10	sexo	20	1,85	escolha	10 2
					orientação-sexual	24 2,08
Freq <=	5	desigualdade	8	1,62	cautela	7 2
		gênero	9	1,77	identidade	5 2,6
Freq <	9	respeito	7	1,71		
		<b>Elementos de contraste</b>			<b>Elementos 2ª Periferia</b>	

## DISCUSSÃO

A caracterização sóciodemográfica mostrou o perfil do discente estudado. Maioria mulher, de até 23 anos de idade, parda, católica ou protestante. Deste perfil, jovem e mulher, espera-se um contato e esclarecimento maior nas questões de



gênero e sexualidade, seja por essa idade inserida em uma sociedade contemporânea onde há maior contato com os temas, seja pelo gênero que vivência rotineiramente algumas das questões. O estudo em uma análise mais geral aponta dois caminhos, o primeiro, um grupo mais seletivo que possui maior esclarecimento nos temas, e o segundo, a maioria que reproduz mitos e desconhecimentos nos temas. O que em primeiro momento já nos faz pensar qual a contribuição que a graduação está produzindo para o debate.

Souza *et al.*, (2014) apresenta que os alunos já iniciam a vida acadêmica dentro do curso de Enfermagem com representações estereotipadas e sem muita problematização nos temas, sobretudo quando a idade é menor, e que a partir do momento que há o contato com as práticas de enfermagem, que por vezes estão impregnadas de estereótipos, em diferentes contextos, reforça-se visões que antes consideradas generalizadas, e após, passam a ser cristalizadas delimitando as práticas dentro desta profissão.

A maioria dos participantes declara não ter estudado sobre os temas gênero e sexualidade durante a graduação. O número de respostas *não* nas tabelas 3 e 4 decrescem um pouco do primeiro para o nono Ciclo, em contrapartida que o *sim* e o *não sei dizer* crescem, porém, de maneira não tão significativa, mostrando que há um contato insuficiente com os temas.

Os dados apontam, assim como também aponta Souza *et al.* (2014), para a necessidade de os cursos de formação empreenderem uma problematização sobre as relações de gênero no contexto das práticas de enfermagem, dado que elas parecem reforçar estereótipos negligenciando uma ação profissional democrática e igualitária no campo profissional.

Gir *et al.* (2000) e Souza *et al.* (2014) defendem que independente da forma como gênero e sexualidade foi abordado durante a infância, adolescência ou fase adulta do discente, a escola ou a universidade não pode omitir ou marginalizar a discussão. Se o que se objetiva é a visão holística, quer seja para atuação profissional futura, quer seja para autocompreensão enquanto ser-de-relação, o



discente deve adquirir maior conhecimento sobre a sexualidade humana nas diferentes etapas da vida.

Os temas mostraram-se nos resultados inseridos não em uma disciplina específica, mas de forma mais transversal em outras disciplinas como saúde da mulher e psicologia, as mais citadas, e isto por um lado é bom pois, o tema deve sim ser tratado de forma transversal aos outros temas e de maneira interdisciplinar. Porém, conforme Duarte *et al.* (2015), é preciso também que o tema seja trabalhado e abordado com bases teóricas apropriadas, onde o docente seja preparado para a abordagem e que os temas sejam tratados de forma central, e não de forma periférica, tratados a partir de outros temas e exemplificações. Outro viés necessário de se refletir é a presença dos temas em disciplinas como anatomia e fisiologia, onde a ênfase é propriamente sobre os aparelhos reprodutores, sobre o corpo e o biológico.

A necessidade de respeito, aceitação, mentes mais abertas e conhecimentos nos temas foram levantados como aspectos facilitadores para o debate. Em contrapartida se mostram como aspectos dificultadores, as questões religiosas, os preconceitos, a complexidade dos temas, a necessidade de mais expertises no assunto envolvidos no processo, a pouca abordagem e o devido embasamento teórico. Há por fim, a percepção pela maioria dos participantes de que o embasamento recebido é insuficiente.

O dificultador religião, se evidencia em alguns discursos onde a normatividade é maior, *sexo como agrada a Deus*, ou discursos vistos que evidenciam os mitos, preconceitos e desconhecimento nos conceitos e diferenças acerca de orientação sexual, identidade de gênero e sexo. O caráter proibicionista escancara-se.

A representação social de gênero para os dois Ciclos mostradas nos quadros 1 e 2, partem dos elementos feminino-masculino, homem-mulher, sexualidade, português, conflito e postura. Os dois primeiros, sob um viés justificado pela maioria como a partir das características genótipas, biológicas. Sujeitando os caminhos para gênero unicamente aos aspectos biológicos e anatômicos de um ser, excluindo os



tantos outros existentes, quais sejam os psicológicos, sociais, políticos, econômicos, culturais, religiosos ou tantos outros que envolvem as construções históricas e sociais acerca de gênero.

O elemento sexualidade como referência à gênero reforça a falta de entendimento e diferenciação entre os conceitos envolvendo gênero, dos básicos aos mais complexos. Este elemento, analisado sob suas justificativas, é visto como um misto de discursos, colocando por vezes gênero enquanto a orientação sexual da pessoa, não sabendo diferenciar alguns aspectos básicos como a diferença entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual.

Português aparece como um elemento curioso, que pode também nos indicar a ausência do discurso com as questões de gênero. O que se vem primeiro à mente não são questões envolvendo o gênero humano, mas sim gênero textual. Vargas e Moás (2010) partem do pressuposto de que nos discursos podem ser notados produtos que indicam a ausência do debate onde o que se perpetua é o normatizado, valores e práticas permanentes e não é traduzida as reivindicações do plano dos direitos sexuais e reprodutivos.

O elemento conflito e suas justificativas aparece para nos mostrar a possibilidade de que os temas são tratados de forma muito insegura. Há muita insegurança ao lidar com o tema, em conjunto que ao ser tratado em ambiente acadêmico causa clima de conflito. O que pode ser revertido em segurança, uma vez que seja tratado em sala de aula com metodologias mais adequadas, com preparo por parte de docentes ou expertises que mediam os espaços de discussão.

A representação social de sexualidade para os dois Ciclos mostradas nos quadros 3 e 4, partem dos elementos escolha, gênero, orientação-sexual, sexo. O primeiro elemento não se faz presente somente na evocação, mas é possível de notá-lo em todos os momentos e respostas ao instrumento de pesquisa. O que mostra a imensa ausência de discussão e desconstrução acerca do assunto.

O termo escolha é algo já desconstruído, inclusive em políticas públicas de saúde, Brasil (2013), que reconhecem que não é uma questão de escolha, mas sim



de seguir sua própria essência. Não se diz que o indivíduo possui a escolha, ele apenas é. O uso de escolha apresenta dois caminhos, o primeiro e apresentado por uma pequena parcela dos participantes é o da liberdade da pessoa ser quem é em essência, sem se submeter à aprovação do outro. O segundo, apresentado pela maioria dos participantes, é que se relacionar com o mesmo sexo ou sexo oposto se trata de uma escolha, assim como os comportamentos e expressões, ignorando todo o restante da discussão que os temas envolvendo sexualidade proporcionam.

Para alguns construcionistas, a direção do desejo e do interesse erótico é fixa, embora a forma comportamental que esse interesse assume seja construída por quadros culturais prevalecentes, assim como a experiência subjetiva do indivíduo e o significado social atribuído pelo contexto inserido (Louro, 2000).

Evidencia-se também na representação de sexualidade o elemento evocado sexo, que é prontamente evocado sem trazer também as outras discussões acerca de seu contexto, reduzindo a sexualidade humana unicamente ao ato sexual e à quem se relacionar. O que se caracteriza prejudicial ao se buscar visão holística e preocupante, visto um futuro profissional da saúde que não possui um mínimo de esclarecimento em temas que são inerentes à qualquer ser humano e que são aspectos que atingem praticamente todos os determinantes e condicionantes da saúde.

Outro elemento a se refletir é a presença do sufixo *ismo* nos discursos quando relacionado à orientação sexual ou identidade de gênero, *homossexualismo*, *transexualismo*. O uso de tal sufixo foi abolido por se tratar de uma relação com doença e com o adverso. Algo já extremamente defasado e desconstruído como apresenta Brasil (2013), o uso deste ignora o avanço que os temas acerca de gênero obtiveram.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observar os elementos da representação social de gênero, bem como os de sexualidade e observar a condição marginalizada a qual os temas estão inseridos nas matrizes curriculares, nos permite refletir que é insatisfatório o processo ensino aprendizagem nos temas gênero e sexualidade durante a graduação. Há a ausência de abordagens e problematizações com devida bagagem teórica, embasadas em teoria e prática, de forma central e com docentes expertises nas questões. Ausência esta, que claramente é revertida em insegurança por parte do futuro profissional ao agir futuro.

Mesmo com o avanço científico e social, ainda se verifica desconhecimento, despreparo, tabus e contradições que envolvem questões relativas à temática gênero e sexualidade entre a população acadêmica estudada. Pode-se dizer que não há diferença entre os acadêmicos do primeiro e nono ciclos quanto ao embasamento dos temas aqui considerados. Na verdade, é possível dizer da existência de certo silenciamento acerca dos mesmos, o que aparece na contramão do papel, sobretudo social, da universidade, da graduação e dos ideais da profissão de cuidado integral e equidade no atendimento dispensado.

Cenário este, entendido enquanto desafio para a profissão e para a Educação em Enfermagem, e que um possível caminho para superação deste, é uma inserção mais satisfatória dos temas gênero e sexualidade dentro das matrizes curriculares e projetos pedagógicos. Inserção esta, local à nacional, visto que tal insatisfação acerca do processo ensino aprendizagem na temática, reflete modelos, influências e diretrizes curriculares nacionais. Considerando ainda que, o constante (re)pensar, é inerente à toda formação profissional em Enfermagem.

## Referências

ABRIC, J. C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.



BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. Brasília. 2013.

COSTA, L. H. R; COELHO, E. C. A. Enfermagem e Sexualidade: revisão integrativa de artigos publicados na Revista Latino-Americana de Enfermagem e na Revista Brasileira de Enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Montes Claros, vol. 19. 2011.

DUARTE; M. C. et al. Gênero e violência contra a mulher na literatura de enfermagem. *Revista brasileira de Enfermagem*. Volume 68 (2), 2015.

JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. As representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

GIR, E. et al. Sexualidade Humana na Formação do Enfermeiro. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, vol. 2 (2), pág. 33-40. 2000.

LOURO, G. L. *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª edição, Belo Horizonte MG: Editora Autêntica, 2000.

MORAIS, F. R. C et al. A construção do conceito da Sexualidade no contexto da Enfermagem. *Revista Cuidado é fundamental*, Rio de Janeiro, vol. 2. 2010.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. 1ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2004.

SÁ, C. P. de. *Núcleo Central das Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes. 2002.

SEHNEM, G. D et al. A sexualidade na formação acadêmica do enfermeiro. *Revista Escola Ana Nery*, Rio de Janeiro, vol. 17. 2013.

SOUZA, L. L. et al. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. *Revista Ciência e Cognição*. Volume 2 (19), 2014.

OLIVEIRA, D. C. et al. *Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais*. Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais. João Pessoa: UFPB Editora Universitária. 2005.



VARGAS; E. P; MOÁS, L. C. Discursos normativos sobre o desejo de ter filhos.  
*Revista Saúde Pública*. Volume 44 (4), 2010.